

À SOMBRA DA CASA AZUL

BREVE ÍTINERÁRIO DE VIDA



PAULO AZEVEDO CHAVES

À SOMBRA DA CASA AZUL

BREVE ÍTIPERÁRIO DE VIDA



PAULO AZEVEDO CHAVES

Projeto Gráfico:
Roberto Portella
portella_roberto@hotmail.com

Fotografia da Capa: Roberto Portella
Foto (2012) da casa onde Paulo Azevedo Chaves nasceu, em 1936.
Rua Amélia 304, nos Aflitos. (Recife)

Revisão de Texto, e Conteúdo:
O Autor
azevedo-chaves@uol.com.br

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiadas, reproduzida por meio mecânicos ou outros quaisquer sem a autorização do autor. Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal Brasileiro e Art. 30 da lei 5.988/73.

Copyright © Direitos Reservados
Paulo Azevedo Chaves

2012 - Edição Virtual - Pernambuco, Brasil

Com a mão paciente vamos compondo o puzzle de uma paisagem que é impossível de completar.

Pedro Nava sobre suas atividades de memorialista

Nem tradição nem restrição. Uma moral diferente segundo a energia dos seres. Exuberância é beleza; o caminho do excesso conduz ao palácio da sabedoria; nunca saberás o que é bastante se não souberes o que é mais do que bastante.

O Casamento do Céu e do Inferno (1793), de **William Blake**

E se você não puder ser você mesmo, que adianta ser qualquer outra coisa?

Memórias, de **Tennessee Williams**

Satisfações, eu vos procuro.

Sois belas como as auroras de verão.

Les Nourritures Terrestres, de **André Gide**

Eu sou a mosca

Que pousou em sua sopa

Eu sou a mosca

Que pintou pra lhe abusar...

Mosca na Sopa, música de **Raul Seixas**

O homem deve ser revoltado? Eu peço-lhe apenas para ser insubmisso. E se ele o for, já será bastante.

Max-Pol Fouchet no livro *Panorama de La Poésie Française de Rimbaud au Surréalisme*, par **Georges** — Emmanuel Clancier, Ed. Seghers

Nada mais importa

a canção está perdida

e o canto se arrefece.

Natanael Jr. no poema *Epitáfio à Canção Perdida*

ÍNDICE

Sex Please – Raimundo de Moraes

06

Uma Explicação

07

A Moral é a Fraqueza do Cérebro

08

Breve Itinerário de Vida

09

Memória Fotográfica

35

Post Scriptum

50

Conheci Paulo Azevedo Chaves quando eu tinha 17 anos. Ele foi uma das estrelas da província pernambucana que eu, naquela época — um adolescente cheio de angústias e perguntas — queria conhecer de perto, adquirir conhecimentos para uma possível vida literária. Lembro que mais ou menos naquele período tive rápidos contatos com Orley Mesquita, Mauro Motta — que achou minha poesia “angustiada e solene”, — Alberto Cunha Mello, Terêza Tenório, entre outros.

Mas quando vi Paulo pela primeira vez, na sua torre de marfim da rua Barão de São Borja, eu soube que seríamos amigos. Ele era a ousadia e a cultura refinada que esta cidade não assimilou, um dandy dos trópicos, o *Gay Sunshine** de uma Mauristaadt sodomita nos becos e repressora nas casas de família.

As lembranças que aqui somam pouco mais de cinquenta páginas não abarcam todas as ricas experiências de uma vida errante, algo de playboy e cigano irresponsável. Mas uma vida cheia de charme, of course. Tampouco traça um panorama linear do que foi a arte pernambucana nos anos 70 e 80 — anos em que Paulo, no Diário de Pernambuco, comentou, divulgou e ajudou artistas locais e de outros estados. (A convivência com os artistas seria, aliás, um ótimo argumento para outro livro). À *Sombra da Casa Azul* surge como flashes, desabafo, o explícito de um sexo para sempre condenado ao profano.

Como amigo, pude vivenciar momentos difíceis de Paulo. Como admirador de sua personalidade e de sua poesia, pude, muitas vezes, sentir orgulho de poder estar perto de alguém tão sensível e culto. Por isso, é para mim difícil dar esse modesto depoimento sobre um conjunto que está entrelaçado num mesmo leitmotiv: vida–obra–dor–esperança.

À *Sombra da Casa Azul*, para nós que conhecemos intimamente a história de Paulo Azevedo Chaves, faz com que nos envergonhemos de participar de uma sociedade que pode guilhotinar talentos e promover embustes com a mesma desenvoltura de um Tartufo ou Paingloss.

RAIMUNDO DE MORAES

**Gaysunshine Press*, editora gay norte-americana com sede em São Francisco, muito atuante nos anos 70/80 e dirigida por Winston Leyland.

UMA EXPLICAÇÃO

Assim como eliminei do texto deste livro aspectos ligados às minhas atividades jornalísticas, como colunista do Diário de Pernambuco, também o despi de preocupações literárias, não tentei imprimir-lhe um estilo mais rebuscado ou mesmo escrevê-lo numa linguagem sintaxicamente mais elaborada. Escrevi-o como se contasse uma história a um amigo, a um ouvinte com quem pudesse me abrir francamente, sem quaisquer resquícios de pudor. Escrevi-o como se fosse uma confissão, um monólogo em que operasse uma volta ao passado a fim de compreender-me melhor no presente. Escrevi-o até como catarse.

Quem ler o texto que se segue, por favor menospreze a forma como foi redigido e atente ao seu conteúdo. É o que conto e não como conto o que importa aqui.

Jaboatão dos Guararapes, outubro de 2012

O Autor

A MORAL É A FRAQUEZA DO CÉREBRO

A sexualidade nasce com o homem, nele está entranhada, desde o berço. É uma força vital que, quando reprimida, pode gerar sérios danos à saúde mental, ao comportamento social das pessoas. A moral, ao contrário, é algo imposto aos indivíduos pela família, educadores, pela religião e meio social em que vivem. Por isso, ela varia muito de país a país. E entre os povos latinos, mais sujeitos à influência repressora e castradora do cristianismo, ela serve para conter o livre desenvolvimento sexual dos indivíduos, cerceando-os em sua liberdade de escolha e manifestação. A frase famosa do genial Rimbaud ilustra perfeitamente isso: “A moral é a fraqueza do cérebro” — escreve ele em *Uma Temporada no Inferno*, sua obra mais famosa.

“E se você não pode ser você mesmo, que importância tem ser qualquer coisa?” — anota Tennessee Williams, consagrado dramaturgo norte-americano em suas *Memórias*. Acrescentando noutro trecho: “Um homem deve viver por toda duração de sua vida com seu pequeno conjunto de medos e raivas, suspeitas e vaidades, e seus apetites espirituais e carnisais”. Neste início de século, o ensinamento do catolicismo de que o sexo deve ser meramente reprodutivo e se manifestar unicamente no âmbito do casamento heterossexual parece piada e demonstra claramente a falência e caducidade da Igreja em relação aos avanços, valores e necessidades do mundo contemporâneo. No livro *Erotic Art of the Masters* (A Arte Erótica dos Mestres), o autor Bradley Smith escreve no Prefácio: “Sexo — por prazer ou dor, não reprodução — era fonte, o modelo, de um modo ou outro, de grande número de pinturas geradas pelo artista e fruídas pelo espectador”. No mesmo livro, Henry Miller assinala na Introdução que “O artista sabe melhor que o padre onde reside o verdadeiro mal. Ele é um devoto adorador e expositor das glórias da criação. Ele não prega: ele nos convida a contemplar o que está escrito em nossos corações”.

“Beleza é verdade, verdade beleza” — escreveu John Keats, uma dos mais importantes poetas românticos ingleses do século XIX. Em nossas vidas nada mais verdadeiro e, portanto, mais belo que a sexualidade de cada um, com suas fantasias e expressões próprias, com seus medos e obsessões singulares, complementar a eu o verso do autor de *Endymion* e das *Odes*. E também nada mais avassalador e imperioso do que o instinto sexual, pois como nos versos de Fernando Alegria, “Nada podem verdugos nem espadas/contra um povo de fagosos amantes”.

AINDA BEM!

INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA, IDADE ADULTA, VELHICE

Este livro é uma viagem para dentro de mim mesmo. No percurso, tenho mais perguntas a fazer do que respostas a dar. Na vida das pessoas, a juventude é uma fase caracterizada por muitas indecisões e questionamentos. Na minha, diferentemente, é na velhice que surgem as principais dúvidas e interrogações. “Incertezas, oh minhas delícias!” — escreveu meu guru André Gide. É um pouco assim que levo a vida atualmente. Mas comecemos do princípio.

Nascido em 1936, no Recife (PE), filho de Antiógenes Ferreira de Castro Chaves e Maria José Azevedo Chaves, tive a infância mimada de quem nasce em berço de ouro. Meu pai era advogado famoso, diretor-Presidente do Diário de Pernambuco, membro do Condomínio dos Diários Associados e amigo de Assis Chateaubriand. Minha mãe era filha de Antonio da Costa Azevedo, conhecido como “Tenente da Catende”, dono da principal usina pernambucana a partir da década de 30. Desde a infância, as relações com meus pais se encaixavam no padrão conhecido como “edipianas”: excesso de apego à mãe dominadora e hostilidade em relação ao pai afetivamente distante. Lembro-me que ficava feliz quando ele viajava sozinho para o Rio ou São Paulo, a negócios. Nessas ocasiões chegava mesmo a dormir na cama de meus pais, o que era prazeroso pela proximidade com o corpo de minha mãe, seu cheiro nos lençóis e travesseiros. E esse tipo de relacionamento edipiano se prolongou na juventude. Eu tratava meu pai de maneira cerimoniosa e distante — e vice-versa. E isso apesar dele ter sido sempre muito generoso comigo, proporcionando-me todas as regalias possíveis, solicitadas ou não. Por outro lado, apesar de ainda continuar a amá-la muito, hoje tenho plena consciência de que minha mãe era uma pessoa extremamente fútil e egoísta. Sua vidinha medíocre girava em torno do comando das atividades domésticas, visitas regulares às suas irmãs, ao cabeleireiro Adelson, a madame Isabel, sua modista, às lojas mais sofisticadas. Era isso e apenas isso que preenchia seu tempo e que a interessava. Acho mesmo que nunca leu um livro, seja lá qual fosse. Como meu pai era um intelectual e muito inteligente, a relação entre ambos era baseada sobretudo em companheirismo, sexo, conveniências familiares e sociais. Em minha família éramos (digo “éramos” porque dois já morreram) quatro irmãos, dois homens e duas mulheres. Meu irmão mais velho, Gilberto, era mais ligado ao meu pai, assim como minha irmã caçula, Heloisa.

Nunca fui apegado a nenhum dos dois, entendendo-me melhor com a irmã do meio, oito anos mais jovem que eu, Ana Lucia. Ela era bonita, morena e todos diziam que se parecia muito com a atriz italiana Claudia Cardinale. Ana morreu há já vários anos, assim como Gilberto, que faleceu mais recentemente. A morte de Gilberto, que morava em São Paulo com a segunda esposa, Lucia, me foi comunicada há meses por uma prima nossa. Não me abalei muito com a notícia, pois estávamos separados há muitas décadas, E além do mais, nunca tive amor fraternal por Gilberto. Se estivesse vivo, ele teria hoje 79 anos.

Meu avô materno morava na casa vizinha à nossa, um belo palacete branco de três andares, com algumas salas revestidas de mármore Carrara e um elevador todo em latão e detalhes em bronze. Foi por causa desse elevador, que o então governador Agamenon Magalhães publicou, num jornal de grande circulação, um ferino artigo contra o velho Tenente com o título de *A Gaiola Dourada*. A família de minha mãe era da direita e para eles Agamenon não passava de um comunista, o que estava longe de ser verdadeiro.

A Gaiola Dourada com seu grande parque e suas mordomias era meu playground preferido. Lembro-me que em minha infância costumava me fantasiar durante o carnaval. Certa vez, como era fã de carteirinha de Carmem Miranda, a escolhi como tema da fantasia. Diante de meu avô e de alguns tios imitei, todo paramentado, os trejeitos da atriz numa grande sala do palacete. E, modéstia à parte, fiz muito sucesso, meu avô tendo aplaudido com entusiasmo minha precária imitação da diva hollywoodiana. Que vergonha!

Foi também na casa de meu avô que fui vítima de pedofilia provocada. Quando era criança, com cerca de 10 anos, ia às escondidas ao quarto do copeiro, que ficava nos fundos da residência, próximo ao muro que dividia o terreno de meu avô da casa de meu pai. Ali ele mandava que eu arriasse as calças curtas e colocava a rola em minhas coxas. Eu gostava muito, mas um dia contei imprudentemente a alguém o que estava rolando e Amaro foi demitido. Ele era coroa, negro e muito efeminado. Lembro-me que certa vez serviu a mesa com ruge e batom, que colocara para ir mais tarde para o carnaval. Minha avó Naninha, beata de carteirinha, mandou de imediato que ele retirasse a maquilagem do rosto. Na verdade, Amaro era muito querido e sua partida foi sentida por todos. Mea culpa.

Luiz Antonio, meu primo legítimo por parte de mãe, era filho de Helena, que morreu ainda jovem. Seu pai, Britto Passos, engenheiro químico da usina Catende, casou de novo com uma americana, Mariza, e Luiz Antonio foi praticamente

criado por meu avô materno. Luiz e eu éramos da mesma idade e crescemos juntos. Em nossa meninice, ele ia muito à minha casa, que era vizinha à de vovô Tenente. E aproveitava para transar com meus primos, que tinham tesão nele por ser lourinho e gostoso. Luiz virava o bumbum peladinho para cima e tome rola. Quando alcançou a puberdade ele se “regenerou” depois que sua fama de veado se espalhou. Posteriormente, se casou com uma mocinha ingênua do interior chamada Beth. Aparentemente, foram felizes para sempre, como diz o chavão. Mas duvido muito que um gay reprimido e de pintinho minúsculo, parecendo uma lagartixa anã, pudesse fazer alguma mulher feliz. Como eu estou a par desse detalhe anatômico de meu primo? Acontece que, quando éramos crianças, fizemos algumas perfumarias em que quebrávamos louça, pois ninguém queria comer, ambos queríamos dar a bunda. Na idade adulta, Luiz gastava demais, viajava com frequência com Beth para os Estados Unidos e nunca trabalhou. Ele morreu, há algumas décadas, no Hospital Barão de Lucena, no Recife, assistido pela fiel Beth e alguns raros amigos, que ajudaram nas despesas hospitalares e financiaram o enterro.

Na infância tive aulas particulares de português e matemática com uma professora chamada Walkíria, e de inglês com Miss Phyllis. Quando chegavam as férias no colégio Oswaldo Cruz, costumava viajar com a família para a Usina Catende ou então para uma fazenda de criação de gado pertencente ao meu avô, e que ficava próxima a Água Preta e Palmares. A fazenda Camarão era o sonho de férias de qualquer menino, com cavalos e charrete para passear nas estradas e matas do entorno. Às vezes meu primo Nelsinho, filho de Nelson Chaves, irmão de meu pai, ia comigo. Nós tínhamos a mesma idade e nos dávamos muito bem, inclusive na cama. Mas nunca fomos além de perfumaria e punheta a dois, esfregando mutuamente as rolas, em pé ou deitados na cama do quarto espaçoso da Casa Grande de Camarão. Quando não ia para o interior com a família, passava temporadas em Boa Viagem, em casas à beira-mar cedidas por amigos ricos de meu pai, como Benedito Coutinho ou Manoel Leão, este último dono da bela “Casa das Pedras” (que foi derrubada posteriormente para dar lugar a um prédio), situada no Corta Jaca, setor chique da praia de Boa Viagem. Uma infância cheia de “luxo, calma e volúpia” — como no verso de Baudelaire. Pois muitas vezes dava vazão ao meu homoerotismo transando com outros primos (além de Nelsinho) e colegas do colégio, que frequentavam nossa casa.

Numa determinada ocasião, Carlos Eurico, filho mais velho de Nelson Chaves, tentou me comer no anexo em cima da garagem de minha casa. Ele se

deitou de costas no chão da sala, inteiramente nu, e mandou que eu me sentasse em cima de sua rola. Quería me comer no torno, como se diz. De propósito caguei em seu ventre e ele ficou furioso. Brochou de imediato e nunca mais quis nada comigo. Carlos Eurico era feio, muito branco, de carnes flácidas, peludo e por isso nunca me despertou o menor tesão.

Com Cristiano (Chibata), primo afastado, filho do desembargador Diógenes Ferreira, tio de meu pai, uns cinco anos mais velho do que eu, também fiz algumas perfumarias. Gay assumido, Chibata — que era branco, peludo e careca — transou algumas vezes comigo quando voltávamos da praia e tomávamos banho juntos. Ele gozava colocando seu pau volumoso entre minhas coxas ou no meu sovaco ensaboado. Eu me masturbava e pronto, *c'est fini*. Nada de amor, sexo puro. Logo enjoei sexualmente dele, embora Chibata fosse sempre, até sua morte prematura, nos anos 60, em pleno carnaval, meu melhor amigo e confidente. Ele morreu ao cair de um jipe em que passeava no corso, pelo centro da cidade, com outras bichas, soldadinhos do Exército, marinheiros, policiais, etc, pois tinha amigos e amantes em todas as corporações. Na época, eu morava no Rio e soube de sua morte no Hotel Excelsior, em Copacabana, onde meus pais estavam hospedados, em passeio à Cidade Maravilhosa. Foi um choque, pois gostava demais dele.

Assim seguia minha *dolce vita*, de burguesinho mimado, o que me prejudicou muito, décadas mais tarde, pois me tornei um adulto incapaz de lutar pela própria subsistência, de conseguir prover meu sustento através de esforço pessoal. Habituei-me, desde cedo, a receber luxo e conforto de mão beijada, sem trabalhar, e quando, a partir dos anos 70, a situação financeira familiar entrou em declínio, continuei sem um trabalho que me desse uma renda confortável. Apesar de estar com mais de 30 anos, ainda sobrevivia de mesadas, venda de imóveis em meu nome e, posteriormente, do “adiantamento de legítima” que meu pai fez para os filhos, no final da década de 60, alguns anos antes de morrer.

Na fase de minha adolescência no Recife, Joaquim Coutinho, filho do senhor de engenho, político e tabelião Helio Coutinho de Oliveira, também frequentava minha casa e saía comigo para festas e passeios. Joaquim, moreno, magro, bonitinho, tesudo e sobretudo muito inteligente, tentou transar comigo, mas nunca me interessei por ele. Depois quis namorar minha irmã Ana Lucia, que também o rejeitou depois de um curto namoro. Finalmente, ele começou a namorar firme com minha prima legítima Maria Helena, filha de tia

Helena e muito amiga de minha irmã. Mais tarde eles casaram e tiveram muitos filhos. Eu nunca disse a Maria Helena que ele era bissexual, pois isso não era assunto de minha alçada. Além do mais, bissexuais têm o direito de terem um casamento tradicional e filhos. A prova é o próprio pai de Joaquim, o deputado Helio Coutinho, que teve uma filharada com a doce D. Dinorah, mas nem por isso deixava de dar suas escapadelas gays. Ele era, por sinal, um coroa másculo e bonitão, pele curtida pelo sol, um verdadeiro coronel à antiga. Quanto a Joaquim, ele morreu precocemente, aos 45 anos, e pouco tempo depois seu genitor também faleceu, provavelmente de desgosto, pois Joaquim era seu filho preferido.

A revelação da atividade sexual “paralela” de algumas pessoas em destaque no cenário sociocultural pernambucano, com as quais convivi em minha infância e juventude, nos anos 40 e 50, não deve ser vista como tentativa de dar maior visibilidade e repercussão a esta minha breve autobiografia. Eu me desculpo junto aos familiares e amigos de Nelsinho, Carlos Eurico, Luiz Antonio, meus primos, que se considerarem ofendidos por eu ter revelado aqui uma faceta secreta de suas atividades sexuais durante o período de vida em que nossos caminhos se cruzaram. Mas minha proposta no texto deste livro tem sido de não jogar nada para debaixo do tapete, mesmo porque, durante a adolescência, a ambivalência sexual marca boa parte da população adulta masculina brasileira e internacional. Na qualidade de homossexual, que há muito saiu do armário, acho perfeitamente natural revelar que alguns primos — além de Joaquim Coutinho, meu amigo nos tempos em que éramos adolescentes e adultos jovens — tenham tido experiências gays naquela fase da vida. Se essa bissexualidade prosseguiu ou não no decorrer de suas vidas adultas, isso eu não sei e não me interessa saber. Lamento apenas que Joaquim tenha morrido tão cedo, pois ele era um ser humano bonito por fora e por dentro, além de ter sido um político brilhante, dotado de uma inteligência extraordinária. Afinal, cada um faz o que quer com seu corpo e isso não deve ser objeto de patrulhamento por parte de ninguém. Como bem dizem os franceses, “*À chacun son goût*” (o gosto é de cada um). Mas esta não parecia ser a opinião do pai de Nelsinho, meu tio. Certa vez ele me disse, com um velado sentimento homofóbico, que na família dele não havia homossexuais, que seus filhos eram todos machos. (rrrrrrrrr)... Entendi suas palavras como uma indireta, pois certamente tinha conhecimento de minha orientação sexual. Desde aquele dia, o admirei um pouco menos e lhe guardei rancor pelo resto da vida.

AMORES DE INFÂNCIA

Meus amores de infância
foram os livros e a música.
Hoje tudo continua no mesmo:
amo os livros, amo a música
e continuo menino

Este poemeto singelo, à Casimiro de Abreu, foi um dos primeiros que publiquei em livro. Devo isso à generosidade do poeta e crítico César Leal, que reuniu algumas poesias minhas num livrete, com selo das Edições Universitárias, em 1969. O próprio crítico o batizou de *Narciso e Prometeu* (título de um dos poemas).

O meu livrinho de estreia, com todas as suas desigualdades e deficiências, foi meu primeiro “alumbramento”, como diria Mestre Manuel Bandeira. E, com efeito, a primeira vez a gente nunca esquece — seja na cama ou com a publicação de um livro. Na época fiquei todo feliz, mas hoje me envergonho desse pecadilho que marca minha estreia literária.

Enquanto alguns viajam com êxtase, LSD, cocaína ou crack, desde criança me deleitava com “viagens” em livros de vários gêneros e linguagens, dos livros infantis, como *Robinson Crusoe*, aos romances policiais de Agatha Christie ou S.S. van Dine. Sem esquecer as poesias de Carlos Drummond de Andrade, Ascenso Ferreira ou Manuel Bandeira. André Gide, com seu *O Imoralista*, também se tornou um guru e guia para mim desde a juventude. Meu pai era um homem muito culto, tinha uma grande biblioteca em nossa casa, onde eu me abastecia da melhor literatura nacional e estrangeira. Foi nela que li, ainda bem jovem, *A Divina Comédia*, de Dante, numa edição de luxo, com capa dura e ilustrações de Gustave Doré.

Fiz o curso ginásial e os dois primeiros anos do curso clássico (hoje correspondentes, respectivamente, ao primeiro e segundo grau) no prestigioso Colégio Oswaldo Cruz, onde tive o prazer de ser colega de classe de Marco Aurélio de Alcântara, o “gênio” de nossa turma. Ele tirava 10 em todas as disciplinas e eu e Roberto Phaelante vínhamos logo a seguir entre os melhores alunos. Éramos excelentes em todas as disciplinas, com exceção de Educação Física. Lembro que uma vez, ao pular uma barreira, em vez de usar as pernas, saltei de peixinho por sobre ela, aterrissando de barriga no piso do pátio de recreio. Um vexame. Roberto Phaelante era heterossexual, bonitinho, e Marco tinha muito tesão

nele. Não sei se transaram ou não, mas Marco sempre o ajudava nos estudos. Ele logo se tornou o segundo melhor aluno de nossa turma, me deixando em terceiro lugar. Um fato engraçado aconteceu certa vez, em plena classe, durante o recreio: um colega nosso, Gildo, muito gostoso e másculo, arriou as calças diante de Marco Aurélio. Distraído, “Marcova” (seu apelido na confraria gay) deu um gritinho feminino e histérico ao ver o rolão de nosso colega, o que provocou risos em todos os presentes. À noite, em minha cama, dei uma gozada pensando no pau de Gildo. *Sex Please*.

Na época em que terminei o segundo clássico, apareceu um eczema alérgico na região supra labial, nas dobras dos braços e dorsos das mãos. Meu médico de pele, Dr. Jorge Lobo, me aconselhou a passar uma temporada na Suíça, por causa do clima frio e seco. Em 1954, fui para Lausanne, onde me hospedei numa pensão de luxo. Ela era dirigida por duas velhinhas simpáticas, de cabelos muito brancos penteados em coque, sempre usando vestidos pretos e compridos, com uma renda branca na altura do pescoço. Elas costumavam dizer, em meio a muitos risos, que eram “tesouros não reclamados”. Acredito que além de solteiríssimas, também fossem virgens. Na pensão da Avenue de La Gare moravam dois rapazes italianos, Vittorio e Emmanuel, ambos da família Agnelli, dona da marca Fiat de automóveis. Ali também era pensionista uma duquesa francesa, muito falante e sofisticada. Ainda bem que não havia brasileiros na pensão, pois isso atrapalharia meu aprendizado de francês. Além disso, brasileiros são em geral muito mal educados e eu não gostaria de passar vergonha tendo-os como companheiros na pensão. Emmanuel usava sempre um chique *robe-de-chambre* de seda em seu quarto. Certa vez, para me impressionar, abriu o *robe* e mostrou o corpo inteiramente nu por baixo. Elogiei mas não mostrei interesse. Aliás, aparentemente ele não era gay. Mas quem sabe o que as pessoas são realmente na intimidade, longe do convívio social?

Depois de um ano de estudos na École Lemania, fui passar uma temporada na Inglaterra para aprender o inglês. E lá fui eu, curioso e lampeiro, para a Londres de Conan Doyle, Agatha Christie, William Blake e William Shakespeare. Na capital inglesa, aluguei um pequeno flat em South Kensington Road, numa região muito chique da cidade. Isso foi em 1955 e eu estava então com 19 anos. No prédio tinha como vizinha Edmée Kingsmill, modelo fotográfico e garota de programa, como vim a saber mais tarde. Rolls Royces e Bentleys paravam, à noite, em frente ao prédio e ela saía na companhia de senhores grisalhos e bem vestidos. Edmée era bissexual e tinha uma namorada loura e bonita como ela. Quando não saía com os

coroas e sua namorada não estava presente, Edmée me chamava para jantar em seu flat, à luz de velas e ao som de música erudita. Nessas ocasiões eu levava uma garrafa de vinho tinto francês para nossa farra a dois. Uma noite, meio bêbada, me atacou e tiramos nossas roupas. Infelizmente, falhei. E foi então que ela disse uma frase, talvez tirada de um poema, e que eu jamais esqueci: “Pare, não mais; já não é tão doce agora como foi antes!”. Que fracasso! O pai de Edmée era escritor de algum sucesso na época. Provavelmente mais um desses que se atribuem qualidades literárias que na verdade não têm ou têm em doses escassas. O tempo é a cura para essa embriaguez momentânea em relação à própria dimensão literária. A ressaca é o reconhecimento por parte dessas pessoas de que tudo não passava de “sonho de uma noite de verão”. E essa constatação amarga às vezes chega no próprio curso de suas vidas. Seria bom que os milhares de poetas que proliferam como ratos aqui em Pernambuco atentassem para isso: 90% deles vivem o “sonho de uma noite de verão”, mesmo os mais cortejados e incensados por seus contemporâneos. Que se preparem, pois, para o esquecimento geral de suas obras e até mesmo de seus nomes. *Sic transit gloria mundi*.

Em minha temporada londrina, “fiquei” com um rapaz francês de minha idade chamado Pierre Protti. Ele detestava os ingleses e tudo que se relacionava à Inglaterra. Sempre que podia, mostrava a todos seu desprezo de modo acintoso. Baixinho, efeminado e falante, Pierre era um figuraço. E para piorar, na cama comportava-se como se fosse uma mulher histérica e fogosa. Certa vez fomos ao teatro e ele me matou de vergonha ao não ficar de pé quando foi tocado o hino inglês, antes do início do espetáculo, como era costume (e ainda é, creio) naquele país. Todos olharam para nós com desaprovação. Éramos mesmo um casal bizarro, “The Odd Couple”, como o título do filme com Jack Lemmon e Walter Matthau. Como eu estava com acentuada perda de cabelos, já naquela época, Pierre costumava brincar comigo dizendo: “Você está perdendo as plumas, meu querido!”. Que putinha cruel, aquela bichinha francesa!

Em Londres, tive certa vez uma aventura com um rapaz bonito e muito elegante, que conhecera num bar gay próximo ao meu apartamento. Ele me convidou para jantar e no dia aprazado eu fui de terno e gravata a esse encontro muito esperado. Um garçom nos servia na mesa comprida e bem posta, com um candelabro e velas acesas no centro. O anfitrião estava numa cabeceira e eu na outra. Tudo muito formal. Mas em dado momento, não aguentei mais de tesão e fui abraçá-lo e beijá-lo onde estava sentado. Ele reagiu bem ao meu ataque “selvagem” e mandou que o garçom *voyeur* se retirasse. Transamos ali mesmo

sobre o carpete. Que delícia!

Lembro-me que certa vez, ao passear em Hyde Park, à noite, parei para observar um homem e uma mulher que fodiam sobre a relva, num recanto mais escondido do parque, entre os arbustos. Ela interrompeu o coito por um momento e olhando-me com um sorriso disse: “O senhor não é um cavalheiro!”. Foi então que me senti o mais selvagem dos selvagens e afastei-me rapidamente deles.

Numa outra ocasião, conheci um rapaz bonitão, magro, alto, cabelo avermelhado, tipo escovinha, que me levou ao apartamento bem decorado em que morava com um amigo. Ao chegarmos, pediu-me que eu lhe mostrasse os dentes, o que fiz bastante embaraçado. Ele me disse que eles estavam muito amarelos e que eu devia escová-los melhor. Senti-me como se fosse um cavalo sendo examinado por um veterinário. Fui embora muito zangado e frustrado pelo final infeliz de uma aventura que prometia ser tão excitante.

Em minha escola londrina tinha como professor de fonética um major aposentado, gordinho, careca, com muitos pelos saindo pelas narinas e lóbulos das orelhas. Aos domingos ele levava um grupo seletivo de alunos para um sítio que tinha nos arredores de Londres. Era ótimo porque podíamos unir o útil ao agradável. E naquele local aprazível, cheio de árvores, podíamos praticar o inglês com o mestre, que estava sempre acompanhado de seu cachorro bulldog e de um indefectível cachimbo.

Na capital inglesa eu ia a muitos concertos, óperas, balés e também visitava com assiduidade os museus. Lembro-me, em particular, de uma noite de grande emoção, quando assisti, no famoso Sadler’s Wells, dois monstros sagrados do balé, Margot Fonteyn e Rudolf Nureyev, dançando *Giselle*.

Tudo que é bom passa rápido demais. Tive que arrumar as malas e voltar para minha província distante via marítima. Viajei no transatlântico Alcântara e, chegando ao porto do Recife, tive um choque. Deixara para trás a limpa e cinzenta Londres e no cais sujo avistava agora, do convés, uma porção de pessoas mal vestidas e com roupas coloridas acenando seus lençinhos. Eu estava sem dúvida na “selva” — e que me perdoem meus conterrâneos.

Voltei curado da alergia e também mais culto e prestigiado no meio social local. Era muito raro, na época, rapazes estudarem no exterior. Os milionários recifenses me convidavam sempre para suas festas com muita ostentação de riqueza e mau gosto. Mas o ambiente que preferia era mesmo o da zona boêmia do bairro do Recife Antigo — especialmente o bar Chantecler, — com seus michês, travestis, putas e boêmios de raças e classes sociais diversas.

Naquela época eu namorava de mentirinha com Vera R., filha de um banqueiro, e minha irmã namorava um rapaz de classe média chamado Gilberto (prefiro não dar seu nome completo, pois se trata de uma pessoa conhecida no meio social local e, além do mais, casado). Gilberto era muito bonito, um pouco mais jovem que eu, e começamos a transar depois de noitadas a quatro na noite recifense. Ao volante do carro de meu pai, eu deixava minha namorada e irmã Ana Lucia em casa e íamos fazer nossa farrinha particular na praia de Candeias, onde a família dele tinha uma casa de veraneio, que ficava fechada boa parte do ano. Na Europa eu tivera em geral papel ativo em minhas aventuras. Com Gilberto foi realmente a primeira vez que fui penetrado. Ele tinha um pau muito grosso e a primeira vez doeu muito. Lembro-me que urrava de dor. Mas aos poucos fui me acostumando (e gostando) de dar a bunda. Infelizmente nossas namoradas desconfiaram e Vera acabou nosso namoro de mentirinha (meu pau raramente ficava duro enquanto nos beijávamos, um vexame...) e Ana Lucia deu o fora em Gilberto Hoje posso dizer que o belo Gilberto foi realmente o primeiro amor que tive na vida.

Na verdade, eu tinha planos de concluir o curso clássico em São Paulo, já em 1957. No entanto, algo inesperado me forçou a alterar os planos. Naquele ano, meu pai foi se operar de câncer no Texas, onde morava uma irmã, casada com um advogado norte-americano. A família inteira seguiu com ele para apoiá-lo nessa hora difícil de sua vida. Ele escolheu o Texas para se operar por indicação do cunhado americano, Frank Galvan. Aliás, uma indicação infeliz, pois lhe aplicaram raio X em excesso no hospital, causando-lhe cicatrizes profundas na região do peito. Pelo resto da vida ele viveu com parte do tórax e um dos braços enfaixado, um suplício principalmente nos meses de verão. Depois da cirurgia, todos voltaram para o Brasil, mas resolvi ficar nos States e passar uma temporada em Nova York. Aliás, ao chegar aqui, meu pai viajou de imediato para São Paulo, onde seu médico particular classificou seu colega norte-americano de “carniceiro” pelo estrago que lhe causara com o uso excessivo de raio X.

Em Nova York me hospedei no New Yorker, um hotel imponente e luxuoso, onde os homens usavam terno e gravata. Mas logo descobri o bairro boêmio de Greenwich Village onde conheci pintores, escritores, boêmios. Eu vestia meu chique sobretudo de pele de Camelo e por baixo um *col roulé* vermelho-sangue e calça de veludo preto, bem mais apropriados àquele ambiente. Depois de seis meses, a temporada novaiorquina chegou ao fim e regressei a contragosto ao Recife. Em Nova York tive intensa vida cultural e mundana, freqüentando

teatros, shows em casas noturnas e sobretudo visitando com frequência o famoso Museu de Arte Moderna (MOMA) e seu rico acervo. Ali frutificou em definitivo meu interesse apaixonado pelas artes visuais.

Felizmente para mim, ao regressar ao Recife meus problemas de alergia e eczema voltaram a se manifestar e o Dr. Jorge Lobo, meu médico, me aconselhou concluir o curso clássico em São Paulo, como eu estava querendo, pois lá o clima era mais frio. No fundo, acho que minha alergia era mesmo ao Recife. Na verdade, antes mesmo da viagem para os Estados Unidos eu já fizera planos de estudar em São Paulo. E então, mais uma vez arrumei as malas e fui estudar naquela metrópole. Morava numa pensão, dirigida por um casal muito feio de judeus, já bem idosos. Ela ficava num bairro chique chamado Paraíso. Lá também estava hospedado meu “velho” (na verdade bem jovem, na casa dos 20, e um ano mais jovem do que eu) amigo, José Santos. Ele é filho do patriarca João Santos, já falecido, um multimilionário que era dono de várias indústrias, inclusive fábricas de cimento, usinas de açúcar, fábricas de papel, etc. Eu era bom aluno, mas também malandro, queria curtir a vida em meu fusquinha verde. Quanto a José, além de ótimo aluno ele era muito “caxias” e vivia mergulhado nos livros de economia. Nós estudávamos em colégios diferentes e só nos encontrávamos à noite, no jantar da pensão da rua Martiniano de Carvalho N° 900. Meu pai era advogado, compadre e amigo de João Santos e isso alicerçava ainda mais nossa amizade, apesar de termos personalidades e gostos bem diversos. Em nossa relação de amizade, o dito popular “Os opostos se atraem” está 100% certo. Eu gostava e ainda gosto muito dele e acho que a recíproca era e continua a ser verdadeira.

Em São Paulo, lembro-me de ter visitado Darcy Penteado em sua mansão. O pintor se encaixa como uma luva na definição de Gide a respeito de Oscar Wilde: “Ele colocou seu gênio em sua vida, em sua obra pôs apenas seu talento”. Apesar de ser medíocre como escritor e artista plástico, Darcy era um ícone no meio artístico-cultural paulistano da época. Na mansão onde morava, todos lhe rendiam homenagem, inclusive eu, apresentado ao “mestre” por um amigo comum. Coisas da vida: ele hoje está completamente — ou quase — esquecido. A lição é esta: a fama é tão ilusória quanto a própria vida. “Tu és pó e em pó te hás de tornar”.

Depois de concluir o 3º clássico no Colégio Rio Branco, resolvi fazer o vestibular na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ). “Copacabana, princesinha do mar”, da música famosa, era toda minha. Comprei inicialmente (na verdade, presente de meu pai por eu ter passado em 5º lugar no vestibular) um apartamento de dois quartos na Rua República do Peru, naquele bairro.

Anos mais tarde, me mudei para o Leblon. Vivi no Rio os anos mais felizes de minha vida, entre 1960 até a segunda metade da década de 70, quando regressei em definitivo ao Recife para fazer companhia à minha mãe, pois meu pai morreria em 1977.

Na PUC tive como colega de classe Sérgio Lacerda, filho do ex-governador Carlos Lacerda. Posteriormente, ele fundou a Editora Nova Fronteira, de grande prestígio. Em 1991, no auge do prestígio, Sérgio morreu de câncer, aos 51 anos de idade. Quanto a mim, aos 74 anos, sou sem dúvida um sobrevivente. Mas ainda com alguma disposição para viver.

Namorei muito no Rio, corneei muita gente e fui corneado por outras tanto. Na agitada vida carioca de então — e de hoje, — relações homossexuais monogâmicas são raras, pois as tentações estão logo ali, em cada esquina, sauna, bar e sobretudo nas praias. Na parte que me cabe, confesso com toda sinceridade que não costumava resistir às tentações sexuais que surgiam em meu caminho. Eu era promíscuo na juventude e continuei sendo promíscuo na maturidade e velhice.

Na faculdade, fui bom aluno, tornei-me amigo de Marcus Cunha Rego, de conhecida família pernambucana. Aquela foi uma fase muito feliz de minha vida. Logo fiz amizade com um garotão bonito e musculoso que morava em frente do meu prédio com a mãe. Transei algumas vezes com Ronaldo, que era gostosinho de cama. Mas o que ele queria mesmo era o que eu também queria: um macho. Paramos de transar e começamos a fazer *pegação* juntos na praia ou no centro da cidade, a bordo de meu fusquinha. Homens não faltavam pois, apesar de muito tímido, Ronaldo era gostoso e fazia o gênero garotão de praia.

Ao concluir o curso de Direito, recebi uma Bolsa de Estudos do Governo Francês e fui estudar no norte do País, em Nancy. Deixei meu apartamento fechado, aos cuidados de uma empregada de minha tia Consuelo, casada com o engenheiro José de Castro Chaves (Juca), irmão de meu pai, e que morava em um belo apartamento em Ipanema. Juca pertencia ao clã do presidente Juscelino Kubitschek e inclusive construiu o Catetinho, em Brasília, onde JK se hospedava antes da inauguração da nova capital brasileira.

DE NOVO NA FRANÇA

Logo no início de 1964, fui passar uma temporada na França para estudar no famoso Centro Europeu Universitário de Nancy. Consegui a Bolsa através da interferência do cônsul francês Marcel Morin e do escritor Gilberto

Freyre, ambos amigos de meu pai. Ali só havia dois brasileiros — eu e Francisco Dorneles, que em anos recentes se tornou uma figura importante no cenário econômico do país. Porém pouco nos víamos nos oito meses que durou o curso. E isso principalmente porque optamos por áreas diferentes de estudo: eu, na área de Civilizações, e ele, na de Economia.

Foi quando estudava em Nancy que estourou o Golpe de 64 no Brasil. Os jornais deram grande destaque à tomada do Poder pelos militares. Os meus colegas indagavam minha opinião sobre o que acontecera e minha reação os surpreendia. Era então muito reacionário e achava que o Golpe tinha sido oportuno em virtude da situação de anarquia em que vivia o Brasil, sob o governo de João Goulart.

Terminado o curso em Nancy, segui para uma temporada de seis meses em Paris, onde fui fazer pesquisas para a tese que estava elaborando para ser apresentada ao Centro após minha volta ao Brasil. Ainda estava fruindo da Bolsa de Estudos, que foi estendida por esse período para que eu pudesse fazer pesquisas na biblioteca pública sobre o tema de minha tese: *A Influência Africana na Arte de Picasso*.

Hemingway tem razão ao definir a cidade como *Paris, Festa Móvel*, título de seu livro publicado postumamente. Frequentei bistrôs, cinemas, teatros, inferninhos de todo tipo e os mais estranhos e exóticos bares gays. Certa vez fui ao famoso Carrossel, *night club* que tinha o melhor show de travestis da cidade. Como estava sozinho, sentei-me no balcão, por coincidência, próximo a Jean Marais, ator famoso mas então já em declínio em virtude da idade avançada. Ator preferido de Jean Cocteau em inúmeros filmes, como *A Bela e a Fera* ou *Orfeu*, ele era então uma sombra do que fora nos anos 40 e início da década de 50, que marcam o auge de sua fama

Em Saint Germain-des-Prés costumava frequentar um bar-restaurant, todo decorado em vermelho, que tinha duas torneiras geminadas em cada mesa: por uma jorrava vinho tinto e pela outra, vinho branco. As pessoas podiam beber o quanto quisessem, pois o vinho já estava incluído no preço das refeições. E isso independentemente da quantidade consumida. Meu pai teria adorado aquele lugar, pois, como eu, preferia o vinho à cerveja.

Instalei-me na Cidade Universitária, área imensa no subúrbio, onde diferentes países têm Casas para abrigar seus respectivos estudantes. Curiosamente, fiquei na Casa da Noruega, em vez de ficar na do Brasil. E isso foi ótimo porque queria ficar longe dos brasileiros, sempre tão bagunceiros, e também porque

queria me exercitar ao máximo no francês. Na verdade, sempre me identifiquei mais com os europeus nórdicos e com os anglo-saxões do que com os latinos, mesmo os latinos europeus – italianos, franceses, espanhóis. No parque em frente à Cidade Universitária, homens solitários passeavam à noite em busca de parceiros. Até mesmo sexo grupal era possível ver ali, à noite, com seis ou mais pessoas praticando felação e outros atos libidinosos entre si. Tímido, eu não entrava nessa – preferia um parceiro exclusivo.

UM PLAYBOY NA CIDADE MARAVILHOSA

Ao regressar ao Brasil, depois da temporada parisiense, voltei para o apartamento da rua República do Peru, onde fiquei até o início da década de 70, quando comprei um apartamento menor em Copacabana. Ali o programa principal era praia, barzinhos à noite em companhia dos amigos João Batista Pinheiro, Paulo Affonso Camargo e Francisco Brasil. Na época do Carnaval íamos, em grupo, assistir aos desfiles das escolas de samba no centro da cidade. Um dos lugares mais frequentados por nós era um restaurante gayliterário – La Gondola – na rua transversal ao hotel Miramar, em Copacabana. Ali iam muitos atores e escritores, além de homossexuais em busca de um bom papo e boa comida. Logo que fui morar no Rio conheci Fernando (Fefa), uns dez anos mais jovem que eu. Ele era moreno claro, bonito e totalmente passivo, embora não fosse efeminado. Quando íamos para a cama, ele virava de costas e oferecia a linda bunda totalmente lisa à minha penetração. Ele me adorava, era ciumentíssimo, mas não me satisfazia sexualmente. Com muito senso de culpa, eu o traía de vez em quando em busca de um parceiro ativo. Seus amigos o informavam acerca de minhas atividades “extracurriculares” de *pegação* na Cinelândia. Ele sofria com as traições e terminou por romper comigo. Foi então que conheci Jaime. Na época em que tive um relacionamento amoroso com Jaime Vieira Félix, ele também saía comigo e meus amigos em notadas por barzinhos e restaurantes de Copacabana. Jaime era um rapaz com tipo físico de árabe, moreno, nariz adunco, alto, muito magro e roludo. Viera de uma cidade do interior e morava num quarto alugado por uma coroa na Tijuca. Acho que comia a locadora, pois era muito sexy, gostoso, tesudo e uma cama maravilhosa. Jamais o questioneei sobre isso e ele também nunca falou nada. Tratava-se apenas de uma suspeita. Os casos de amor entre os homossexuais não costumam durar muito. Eles são como uma fogueira que aos poucos vai se extinguindo até virar cinzas. Separamo-nos sem despedidas – apenas deixamos de nos encontrar. Mas ainda hoje me masturbo pensando nele, nas transas maravilhosas que

tivemos em meu apartamento do Leblon. Isso aconteceu no início da década de 70.

Naqueles anos em que morei no Rio, estava sempre na companhia de Francisco de Paula de Souza Brasil, alguns anos mais jovem que eu, a quem chamava carinhosamente de Chico ou Chiquinho. Pertencente a uma família tradicional, Chico era filho único e morava num grande apartamento em Copacabana com seus pais. Eu costumava escutar música clássica em sua ampla suíte. Ele tinha uma coleção impressionante de discos de vinil, em geral importados, alinhados em grandes estantes no aposento. Exigia um silêncio quase religioso ao escutarmos as músicas, bebericando as bebidas e tiragostos que ficavam numa bandeja sobre a mesa. Sabia tudo sobre as sinfonias e óperas, regentes, intérpretes e eventualmente quebrava o silêncio para destacar, em tom professoral, um ou outro trecho. Chico era um barato e lamento que nossa amizade tenha sido interrompida quando tive que deixar o Rio para voltar a morar no Recife. Infelizmente, naquela época as comunicações eram via carta, o que dificultava manter amizades à distância. Ele foi meu amigo mais querido no Rio e ainda hoje guardo as melhores lembranças dos momentos que passamos juntos.

Com a venda da Usina Catende, no final dos anos 60, tornei-me financeiramente independente da família (e já não era sem tempo, pois estava então com mais de 30 anos). Recebi uma bolada por minhas ações, apliquei o dinheiro e passei a viver de juros e do aluguel de uma sala no centro do Recife, que tinha recebido como “adiantamento de legítima” que meu pai fizera em relação aos quatro filhos.

Durante certo tempo, o jornalista Edilberto Coutinho, autor de vários livros de contos, inclusive do premiado *Maracanã, Adeus*, com histórias sobre o futebol, morou comigo em meu ap de dois quartos em Copa. Mas Ed era muito bagunceiro, promíscuo e desarrumado e terminei por pedir que ele achasse outro lugar para morar. Triste fim para uma longa amizade, que vinha desde os tempos de minha adolescência no Recife. Além do mais, sempre gostei — e ainda gosto — de morar sozinho. Por sinal, Edilberto ou Ed, como eu o chamava, morreu há vários anos, ao que parece de Aids. Naquela época ninguém se preocupava em usar camisinha nas relações. E isso provocou a chamada “praga gay”, pois no início da epidemia a população homossexual era a mais afetada. Felizmente, nem eu nem meus amigos mais próximos fomos atingidos por essa terrível doença. Pelo menos durante os anos em que morei no Rio, não soube de nenhum caso entre meus companheiros de praia e de farras.

Eu gastava muito e irresponsavelmente, sem pensar no dia de amanhã. Embora não fosse rico, levava uma vida de autêntico playboy com muita praia, sexo, boêmia.

E sempre ao volante de meu Fusca, que então era bege.

Foi em 1972 que comecei a escrever semanalmente a coluna *Poliedro* no Caderno *Viver*, do Diário de Pernambuco. Naquele ano já morava no Leblon, onde comprei um apartamento menor com o dinheiro da venda do que tinha em Copacabana.

Continuei no Rio até 1977. Com a morte de meu pai, resolvi vender meu apartamento e voltar ao Recife para fazer companhia a minha mãe e também cuidar de assuntos relacionados ao inventário.

POLIEDRO E ARTES E ARTISTAS

No Recife, encontrei um ambiente muito favorável entre os escritores e artistas locais graças ao sucesso do *Poliedro*. Esta era uma coluna cultural cujo enfoque principal era a produção poética local, nacional e internacional. Uma coluna aberta a todas as tendências, sem preconceitos ou censura (a não ser por parte do próprio jornal). No entanto, fazia sempre uma triagem nas muitas colaborações que recebia pelos Correios. *Poliedro* tinha seções permanentes, como *Versos Escolhidos*, *Versos Traduzidos*, *Correspondência e Liliputianas*, esta última uma seção onde publicava notícias breves relacionadas a eventos de literatura, artes plásticas e outros tópicos.

O sucesso de *Poliedro* em âmbito local e mesmo em outras cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo, se deve em grande parte ao capricho em sua paginação, fruto do talento e fino gosto estético de Wilde Portella. Se não tivesse um visual tão caprichosamente elaborado, duvido que a coluna tivesse tido a repercussão favorável obtida nos anos 70 e 80, até que deixou de circular no final da década de 80.

Em Pernambuco os espaços onde se veiculavam poesias eram raros e neles se privilegiava um pequeno número de poetas, sempre os mesmos, que formavam uma espécie de elite fechada em si mesma. O *Poliedro* era o inverso desse elitismo literário e artístico que sempre caracterizou nossos espaços jornalísticos voltados para as letras e artes. Assim, fui um dos primeiros a veicular a produção poética do Movimento de Escritores Independentes, banido dos espaços literários “oficiais”, uma detestável panelinha onde o que predominava eram os elogios mútuos, uma insuportável rasgação de seda. A poesia marginal e iconoclasta de Leila Mícolis, do Rio de Janeiro, pertencente à Geração Mimeógrafo, era frequentemente veiculada na coluna e fazia sucesso entre os meus leitores, embora fosse desaprovada pelo ícones da poesia oficial local. Raimundo de Moraes, então um poeta pouco conhecido, também teve seus belos poemas iniciais muito divulgados na coluna. Hoje ele é um poeta consagrado e sua poesia de qualidade tem ampla aceitação em todos os círculos, tendo já recebido vários prêmios nacionais importantes.

Por outro lado, um dos fatores que favoreceram a boa aceitação do *Poliedro* e o fato de ele até hoje continuar vivo na memória das pessoas de nosso meio cultural, que vivenciaram aqueles anos 70/80 excepcionalmente férteis de nossa poesia, são as ilustrações que acompanhavam *Versos Traduzidos e Versos Escolhidos*. Para que o espaço saísse com um visual artístico caprichado, mutilava sem pena meus livros e revistas de arte, enviando os recortes dos desenhos, gravuras, esculturas e pinturas, para que Wilde Portella os inserisse na coluna. Obras de Caravaggio, Dürer, Goya, Francis Bacon e sobretudo Miguel Ângelo ilustravam os poemas, dando-lhes significado e dimensão extras de beleza. A Wilde Portella sou eternamente grato pelo sucesso de “nosso” Poliedro.

Entre os poetas que mais frequentaram a coluna estão Terêza Tenório (de quem me tornei, além de admirador, amigo muito próximo), Lucila Nogueira, Maria de Lourdes Hortas, Leila Mícolis (RJ), Olga Savary (RJ), Cida Pedrosa, Raimundo de Moraes, Montez Magno, Juhareiz Correya, Franklin Jorge, entre muitos outros, com destaque também para Jaci Bezerra e Marco Polo, já então nomes de prestígio em nosso cenário.

Em 1983, colaborei na revista *Nordeste Econômico*, dirigindo um encarte de duas páginas, em papel *couché*, dedicadas à arte e à poesia. Trabalhei junto ao velho amigo Marco Aurélio de Alcântara, editor de *Nordeste Econômico*, durante quase um ano. Entretanto, a ousadia das ilustrações chocava os leitores da revista, em geral empresários e políticos. Arte e Indústria certamente não combinam, são como o casamento do céu com o inferno. Não se misturam. Para evitar constrangimentos ao dono, pedi demissão. Antes, porém, lancei por sua Pool Editorial Ltda, em 1984, um livro muito polêmico e ilustrado por artistas locais: *Trinta Poemas de Dez Desenhos de Amor Viril*. O próprio Marco Aurélio escreveu o erudito *Prefácio*.

Enquanto trabalhei na empresa de Marco, a relação entre nós nunca foi de patrão com empregado. Os laços formados ao tempo do Oswaldo Cruz faziam com que fôssemos sobretudo amigos. E foi nesse clima de amizade e parceria que ele me apresentou certa vez a um michê que disse ser “uma ótima cama”. E realmente era. O rapaz gostou de mim e nos encontramos algumas vezes em troca de um modesto cachê. Num desses encontros me confidenciou que o sexo com Marco Aurélio era penoso, “nojento”, foi a palavra que usou, pois era obrigado a espancá-lo e às vezes tinha que mijar em cima dele. Era assim que meu velho amigo tinha prazer sexual. *À chacun son goût...*

No final da década de 80, Heloisa não aguentou mais o mal de Alzheimer de nossa mãe e pediu eu vendesse meu apartamento de Casa Forte para morar na Casa Azul

de nossa infância. Isso foi um grande choque para minha mãe, muito apegada aos netos, embora não se desse bem com Heloisa (e vice-versa). Acho que foi então que sua doença se agravou graças a um derrame. Durante a doença de minha mãe, sumiu uma pulseira de ouro do seu quarto. Nessa época eu estava morando na Casa Azul e uma enfermeira chamada Lívia, tomava conta dela. Ao invés de desconfiar da enfermeira, Heloisa desconfiou que o autor do furto tinha sido eu. Nunca pude perdôá-la por suspeitar de mim e ainda hoje lhe guardo rancor. Há um abismo desde então entre nós dois.

Quanto à coluna *Artes e Artistas*, veiculada no *Viver*, entre 1977 e 1993, ano em que fui despedido, ela enfocava exclusivamente as artes visuais, principalmente a produção de artistas locais, novos e/ou consagrados. Era frequentemente convidado pelos mais diversos artistas para visitar suas casas e ateliês, e também pelos galeristas do eixo Recife–Olinda, por ocasião de exposições em seus espaços. Artistas muito conhecidos como José Cláudio, Montez Magno, Gil Vicente, Luciano Pinheiro, José Barbosa, Roberto Lúcio etc, tinham suas obras analisadas em minha coluna. Ao mesmo tempo, abria espaço nela para artistas menos conhecidos na época, como Alexandre Nóbrega, Jairo Arcoverde Aprígio e Frederico, o desenho excepcional de Jim e vários outros, que em minha avaliação mereciam maior reconhecimento e divulgação. Pernambuco era uma seara fértil de talentos e eu estava sempre pronto a ir ver o que nossos artistas faziam, visitando ateliês ou galerias em Olinda ou Recife, ao volante de meu Chevette café com leite. Entre as principais galerias da época destaco a Artespaço (Nara Roesler), Ranulpho Galeria de Arte (Carlos Ranulfo). Estúdio A (Beth Araruna) e Galeria Lautréamont (Cipriano Carballo).

Voltando um pouco no tempo: depois de morar alguns anos num apartamento de quatro quartos e belíssima vista do Recife, no 24º andar de um edifício na Rua Barão de São Borja, onde me fixei desde que cheguei à cidade, eu o vendi, no início dos anos 80, e comprei outro numa rua tranquila de Casa Forte. Era um prédio baixo, sobre pilotis, onde guardava meu carro. Apesar de menor do que outro, tendo dois quartos, sala e varanda, foi ali que encontrei, enfim, um refúgio de paz e tranquilidade para ler e trabalhar. Eu o batizei de Ecológico porque o prédio tinha muita vegetação à sua volta. Isso aconteceu antes de eu ir morar na Casa Azul para fazer companhia à minha mãe.

Hoje, no cenário da poesia brasileira e local me inquieto um pouco pela grande quantidade e escassa qualidade da produção poética divulgada principalmente em blogs, já que os jornais fecharam os espaços destinados à produção

artístico-literária de nossos poetas e artistas plásticos. O cenário é tão desolador que certa vez o comparei ao título do poema famoso de *W.H. Auden, Limestone Landscape*, que traduzi como *A Paisagem Calcária*. Não vou citar as exceções, mesmo porque são exceções. Mas, via de regra, o que vejo aqui, em termos de poetas e artistas plásticos, é a “paisagem calcária” que Auden descreve tão assustadoramente em seu poema. Todo mundo escreve poesia, mas será que temos algum João Cabral ou Manuel Bandeira à vista no cenário local?

A CASA AZUL

Desde os tempos de meu pai, o imóvel da Rua Amélia 304, nos Aflitos, ficou conhecido como “Casa Azul” porque sua pintura externa era azul. Quando minha mãe morreu no início dos anos 90, tive ideia de transformar seu interior, o jardim e o anexo em cima da garagem em espaço cultural. Enquanto o imóvel não fosse vendido, ali iriam ocorrer exposições de artes plásticas, lançamentos de livros, montagens de espetáculos teatrais, dramatização de poemas, etc. Assim decidi e assim foi feito.

Em 1991, lancei sucessivamente na Casa Azul dois livros : *Os Ritos da Perversão* e *Nus*, ambos com projeto gráfico e ilustrações de Roberto Portella.

No poema *A Miragem*, que integra *Os Ritos da Perversão*, inspirei-me na beleza decadente do imóvel, para escrever um poema melancólico que transcrevo a seguir:

A MIRAGEM

A luz fria derrama-se como lâmina
do lampião de opalina, com flores
pintado, sobre o pérsico tapete, azul
como os olhos fundos do amado.
E ali, nu, iridescente, ele era um deus
antigo e sensual pelo artista cinzelado.
No velho palacete escuro e envolto
em brumas, de silêncio habitado,
escuta-se uma prece de amor e logo
esvai-se a miragem, deixando
como dádiva ao amante o prazer
de tê-la por um momento contemplado.

Também integram com poemas a coletânea Terêza Tenório, Raimundo de Moraes, Lucila Nogueira, Marco Polo Guimarães, poemas e traduções de Paulo Azevedo Chaves. Um belo livro que resgata imagens internas e externas da Casa Azul através das lentes do fotógrafo Portella, então um iniciante na arte da fotografia, o que, infelizmente, prejudicou bastante o alcance e dimensão do álbum.

Naqueles primeiros anos da década de 90, foram montadas, na Casa Azul, *A Tempestade*, de William Shakespeare, numa versão assinada por Marco Camarotti, e *As Criadas*, de Jean Genet, dirigida por William Sant'anna. Outro diretor em evidência no cenário local que trabalhou ali foi José Manoel. Na Casa Azul ele dirigiu uma peça e também o famoso monólogo de *Hamlet*, de Shakespeare, bem interpretado pelo jovem ator Márcio de Moraes, que posteriormente abandonou a carreira. Outros dois atores de muito talento que atuaram em espetáculos na Casa Azul foram Paulo Pontes e Marcelino Dias.

Em 1993, dois dramas de minha vida: deixei a Casa Azul, que fora vendida e estava para ser demolida e dar lugar a um espigão, e também, depois de quase 20 anos de colaboração, fui despedido do Diário de Pernambuco. Resignado, arrumei minha bagagem e fui para uma casa espaçosa em Afogados, em meio a um belo jardim e por trás de um muro muito alto. Eu a adquiri com o dinheiro proveniente da venda de meu apartamento em Casa Forte (que estava na Poupança) e com mais um dinheirinho que entrou com a venda da Casa Azul.

Não me deixei iludir pelos afagos e bajulações dos artistas plásticos locais na época em que assinava as colunas *Poliedro e Artes e Artistas* no Diário de Pernambuco. Sempre tive consciência de que a “amizade” que alguns demonstravam em relação a mim era absolutamente falsa. Depois que fui despedido, houve uma debandada geral, não recebi qualquer manifestação de solidariedade mesmo por parte daqueles que divulgara com frequência em minhas colunas. Estava leproso? Tinha alguma outra doença contagiosa, por acaso? Não. Apenas deixara de ser jornalista, tornara-me um inútil para esses bastardos interesseiros. E aqui é oportuno lembrar os versos famosos de Augusto dos Anjos: “O beijo, amigo, é a véspera do escarro, / A mão que afaga é a mesma que apedreja”. Que se fodam todos!

Começava um ciclo de vagabundagem que se prolongou até 2002, quando surgiu a oportunidade de um emprego como tradutor numa indústria em Jaboatão dos Guararapes e também o convite para escrever artigos bimensalmente na seção *Opinião*, do Jornal do Commercio. Naquela época estava morando num pequeno apartamento em Jardim São Paulo, onde corria permanente risco de

vida, pois vários rapazes de uma favela próxima costumavam me “visitar”. Aquele local era um verdadeiro celeiro de machos, pois havia uma favela próxima ao meu apartamento e os rapazes dali vinham com frequência ao meu pequeno ap em busca de um dinheirinho extra para suas bermudas e tênis “de marca”. Em troca me ofereciam seus corpos, sexo sem tabus. Coloquei uma placa na entrada do apartamento com o nome CHEZPAC (casa de PAC) inscrito nela. Os três anos em que vivi em Werneck foram os mais promíscuos de minha vida.

Foi nessa época que Rodrigo Nascimento começou a trabalhar para mim como diarista. Seu pai era um dos moradores da favela e Rodrigo morava com a mãe analfabeta numa outra favela, sobre palafitas, em Afogados. Ele tinha 19 anos quando me mudei para uma casa ampla na Granja pertencente à fábrica onde trabalho atualmente. Então eu já gostava de Rodrigo como se fosse um filho, sempre preocupado com sua tendência para a marginalidade e seu envolvimento com a maconha. Quando troquei a vagabundagem em Werneck por uma vida de trabalho em Jaboatão, Rodrigo me acompanhou nessa nova etapa de vida, fazendo mal e porcamente a faxina na casa e os serviços de jardinagem. Posteriormente, arranjei uma faxineira para vir uma vez por semana fazer uma verdadeira faxina na casa, que apelidei de “Casa Branca”.

Em relação ao meu trabalho no JC, escrevi durante cerca de três anos (2002–2004) na seção Opinião. Entretanto, em virtude de constantes censuras aos meus textos, terminei por pedir ao editor Ivanildo Sampaio para interromper a colaboração. Ainda bem que os artigos deram um bom fruto. Fui escolhido entre os seis principais articulistas da seção e integrei uma coletânea, lançada, em 2003, patrocinada pelo jornal, com o título de *Escritas Atemporais*. Os outros cinco escritores que participam do livro são: Arthur Carvalho, Celso Rodrigues, José Luiz Delgado, José Paulo Cavalcanti Filho e Juracy Andrade.

A MORTE DE RODRIGO

Nesses últimos anos, a convivência com Rodrigo estava se tornando insuportável. Ele vivia com uma jovem e com ela teve uma linda filha. Mas nada conseguia tirá-lo das drogas. Ele e Janaína estavam morando em um casebre, próximo a estação do metrô, em Cavaleiro, que eu comprara para eles viverem com a filhinha. As brigas entre os dois eram, no entanto, violentas, o que sem dúvida era péssimo para a menina, então com dois anos. Combinei com Janaina ela ir para Florianópolis, onde moravam parentes de sua mãe. Dei algum dinheiro para a viagem e ela tomou o ônibus para o Sul. Nunca mais a vimos nem ela deu

notícias. Rodrigo sofreu imensamente, pois idolatrava a filha. Ele veio então morar comigo e dormia sobre um colchão na sala. Mas com a separação, o problema com as drogas se acentuou, pois ele passara a usar crack com mais frequência. Furtava as minhas coisas, até as mais inusitadas, como um bujão de gás, que carregou nas costas. Na portaria do condomínio passou sem ser parado pelos porteiros dizendo que ia comprar outro bujão. Bebidas, tênis, roupas — ele furtava qualquer coisa para trocar por duas ou três pedras de crack. Eu sofria porque o amava e sentia que Rodrigo era infeliz (no crack ele encontrava êxtase, os “paraísos artificiais”, de que fala Baudelaire, mas também depressão, irritação, sentimento de culpa). Às vezes eu ia à sala para ver como estava, se não tinha saído para fumar na área externa da casa. Frequentemente o encontrei dormindo tendo ao lado uma pequena Bíblia preta que certamente nunca leu. Ele às vezes dizia, abraçado a ela: “Jesus vai me libertar desse Satanás!”. Também costumava se abraçar, à noite, com um porta-retrato, que tinha uma foto sua com a filhinha nos braços. Eu e a mãe terminamos por interná-lo numa clínica sob os cuidados de uma médica, que em vão tentou salvá-lo e a quem conheço apenas como Dra. Magali. De nada adiantou, nos fins de semana fugia e me explicava o que acontecera: a clínica estava sem água ou havia racionamento de comida ou a médica o liberara para fazer o tratamento e tomar os calmantes em casa... Eu queria acreditar nele, mas no fundo sabia que mentia. Até que um dia fugiu de novo da clínica e bateu na minha porta, às cinco da manhã, me pedindo cinquenta reais para pagar a um traficante, que o estava ameaçando. Eu tinha pouco dinheiro em casa, dei-lhe cinquenta reais, se bem me lembro. Mais tarde, por volta de 11h da manhã, um cunhado dele me telefonou dizendo que Rodrigo tinha sido executado com seis tiros numa rua do bairro de Mangueira, perto da estação do metrô. Me vesti às pressas e fui de táxi, sob a chuva torrencial que caía naquela manhã de domingo, para vê-lo pela última vez. Era difícil acreditar que meu Rodriguinho estivesse morto, que nunca mais pudesse estar com ele, brigar com ele, ser feliz ao seu lado. “Nunca mais” — parecia repetir o corvo agourento de Allan Poe. Felizmente para mim (pois poderia ter tido um derrame ou enfarte se o tivesse visto estirado na rua, todo ensangüentado), o IML já havia levado o corpo para ser necropsiado. “Aquele foi o dia mais triste de minha vida” — este é o último verso de *Réquiem para Rodrigo N*, que dá título ao livro que escrevi para ele e que foi lançado em dezembro de 2011, em versão impressa e digital. Rodrigo morreu no dia 23 de janeiro de 2011. Quisera ter morrido em seu lugar ou pelo menos junto a ele. Decorridos quase dois anos, essa dor continua viva

em minha mente, nesse ser envelhecido e triste que sou hoje.

Ultimamente, tenho pensado muito sobre a morte e já decidi que caso tenha uma doença incurável, como Alzheimer ou câncer em estágio avançado, levarei o bujão de gás para o quarto e esperarei o fim. Seja como for minha morte, ao partir quero estar abraçado ao porta-retrato (ele está na mesinha, junto ao sofá da sala) com uma foto de Rodrigo vestindo uma camiseta amarela e com um sorriso amplo, maroto, que tanta falta me faz. Outra coisa: ao partir, não deixarei nem levarei saudades. Como escreveu Shakespeare, gênio maior da literatura inglesa, “A vida é uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria, sem significado algum”. Para mim, a morte não é nenhuma tragédia, mas sim uma porta de saída dessa “história contada por um idiota”.

A seguir, transcrevo um poemeto, publicado em *Nu Cotidiano*, e que é um retrato psicológico, autêntico, sem retoques, de quem eu era no final da década de 80 e continuo a ser hoje.

NOTURNO

A Terêza Tenório

Nos dias de verão e brilho
sofro mais e escureço.
Só a noite me revigora
e a solidão e o silêncio.

O PÓS-RODRIGO

Depois da morte Rodrigo, telefonei para um rapaz a quem conhecia desde os tempos em que morava em Jardim São Paulo. Eu transava com Alex (Alecsandro), de tempos em tempos, na época em que morei naquele bairro. Quando me mudei para a Granja, em 2003, ele continuou a me visitar, uma vez por mês, para uma sessão meio insossa de sexo. Alex, agora com 30 anos, é totalmente diferente de Rodrigo: viveu uma relação estável com uma moça de quem se separou, tem dois filhos com ela, não usa drogas e é de uma honestidade exemplar. Ainda por cima cuida bem do jardim (o que Rodrigo não fazia), trabalhando como diarista de segunda a sábado, com exceção das quintas-feiras, quando vem uma empregada para fazer o serviço (sobretudo interno) na casa. Mais que um empregado, ele se tornou um verdadeiro amigo para mim. Alex é calmo, silencioso, discreto como os quatro gatos que habitam o terraço e jardim de minha casa. Aliás, é um

“gato”, alto e sexy, embora com um pouco de barriga em virtude provavelmente do abuso de cerveja nos fins de semana. O mulhério não o deixa em paz e ele atende em seu celular várias chamadas por dia das fãs. No fundo, Alex é bissexual, embora muito reprimido no que se refere às suas tendências gays. Eu não interfiro quanto à sua ambivalência sexual. Esse é um conflito que ele mesmo terá que resolver algum dia, embora eu ache que meu fiel secretário vai sufocar para sempre o homo que coexiste com o hétero dentro de si.

Na fábrica onde trabalho como tradutor, tenho bastante tempo livre (em consequência da crise atual as coisas estão meio devagar por lá) e as traduções que faço são por iniciativa própria. Levei alguns livros para fazer a releitura de alguns durante o expediente. Entre eles: *Memórias*, de Tennessee Williams; *Le Monde de Marcel Proust*, de André Maurois; o interessantíssimo *A Vida de Alexandre o Grande*, de Mary Renault; ou *Miguel Ângelo*, de Marcel Drion.

Assim como eu faço em *À Sombra da Casa Azul*, T. Williams conta em seu livro autobiográfico mais fatos relacionados à vida pessoal do que à sua obra de dramaturgo. Ele abusa de relatos sobre seus numerosos *affairs* com rapazes tanto em Nova York, São Francisco e Nova Orleans, como na Europa, principalmente na Itália. Algo que chamou minha atenção foi um encontro com um jovem marinheiro que conheceu num bar gay novaiorquino. Ele comeu o rapaz sete vezes no quarto de hotel onde passaram a noite. Duas trepadas já seriam bastante; mas sete na mesma noite... que resistência! Não admira que Frank Merlo, um rapaz jovem e bonito com quem teve caso durante 12 anos, fosse apaixonadíssimo pelo autor de *Um Bonde Chamado Desejo*, *De Repente no Verão Passado*, *Gata em Teto de Zinco Quente* e tantos outros sucessos do palco e do cinema. “Frankie” morreu de câncer deixando Tennessee arrasado por sua partida. Afinal, eles eram sobretudo grandes amigos.

Desde que Rodrigo morreu, lancei três livros: *Réquiem para Rodrigo N* (prosa e poesia), em edição digital e impressa; *Poemas Homoeróticos Escolhidos* (prosa e poesia), com poemas meus e de Raimundo de Moraes, além de traduções de poesias do inglês e francês, em edição exclusivamente digital; *Os Ritos da Perversão e Outros Poemas*, com poemas meus e traduções de minha autoria, apenas em edição digital. Os três livros têm programação gráfica sempre criativa de Roberto Portella, além de numerosas ilustrações de artistas brasileiros e estrangeiros.

No decorrer de minha vida, não tive medo de sair do armário nem de lançar livros *partisans* e polêmicos, recebidos quase sempre com um silêncio hostil

por parte do *establishment* literário. Como naquela canção famosa de Juliette Greco, musa do Existencialismo e de Jean-Paul Sartre, “Eu sou como sou e não posso mudar”. Nem quero.

As pessoas falam muito de solidão em relação às pessoas que vivem sós. Mas se esquecem de que o sentimento de solidão às vezes se manifesta de maneira extraordinariamente dolorosa quando a gente se encontra, por exemplo, numa festa, em meio a pessoas que nada têm a ver consigo. Na fábrica onde trabalho não conheço ninguém que aprecie a boa literatura, que goste de arte, que tenha uma bagagem cultural pelo menos sofrível. São engenheiros, técnicos e funcionários que inclusive escrevem muito mal o português. Todos são gentis comigo e eu procuro ser gentil com todos distribuindo sorrisos e “bom dia”, “tudo bem?”, e outras breves saudações. Nenhum diálogo. Ali sou verdadeiramente um estranho no ninho. Mas em minha casa não me sinto só. Sempre acho alguma coisa para fazer. E para quem tem computador, uma boa tevê, aparelho de som, livros e um belo jardim para cuidar não faltam distrações. Minha mãe costumava dizer, em minha infância, que eu era “bicho do mato”. Era e sou, querida mãe. E vou morrer assim.

Neste 2012, meu dia a dia segue seu curso rotineiro de trabalho na fábrica e lazer a domicílio. A vida lá fora já não me atrai. O tesão também ficou pelo caminho. E quando muito esporadicamente tenho vontade de transar, me masturbo olhando sites pornôis gays no computador, um consolador enfiado no cu. Na verdade, vivo como caramujo, encerrado em mim mesmo. Até quando, não sei. Mas pressinto e prefiro que minha morte seja por suicídio.

“Este é o modo como o mundo termina, não com um estrondo, mas com um gemido — escreveu T.S. Eliot em seu poema *The Hollow Men*. Aproveitando a deixa do verso famoso, não quero que minha vida termine com gemidos e lamentações, mas sim na ofensiva, lançando desafios à maioria conformista e apegada a velhos valores em âmbito local, inclusive no que se refere ao nosso conservador meio intelectual e artístico, em que se cultuam a mesmice e o *status quo*. Fiquem vocês com a habitual rasgação de seda e rede de elogios mútuos com que tecem suas insossas e falsas vidas. Cansei de tanta mentira e da desproporcional hipocrisia que viceja nesta província. E não me elogiem após a minha morte, pois a simples antevisão disso já me provoca engulhos e amargo vômito.

Não almejo muito do tempo que me resta de vida. Faço meus estes versos de Goethe, em *A Canção Noturna do Viandante I*, com tradução de Jorge de Sena, pois eles refletem muito bem como me sinto hoje:

Estou cansado por demais:
Dor e alegria, que são?
O' doce paz,
Entra no meu coração.

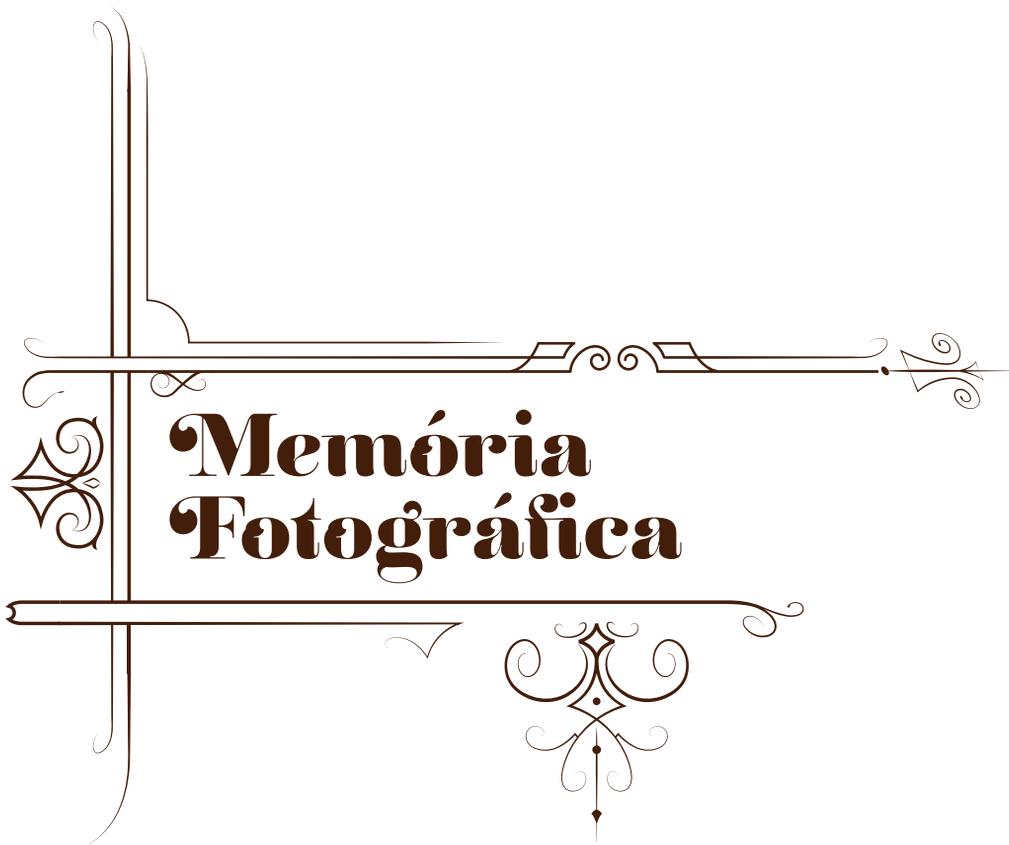
Com efeito, como no verso do simbolista francês Francis Vielé-Griffin, "Eu estou cansado de ter sido". E para resumir minha vida, nada mais oportuno e verdadeiro do que o poema de Konstantinos Kaváfis (um dos meus poetas preferidos), transcrito a seguir, com ótima tradução de José Paulo Paes:

FUI

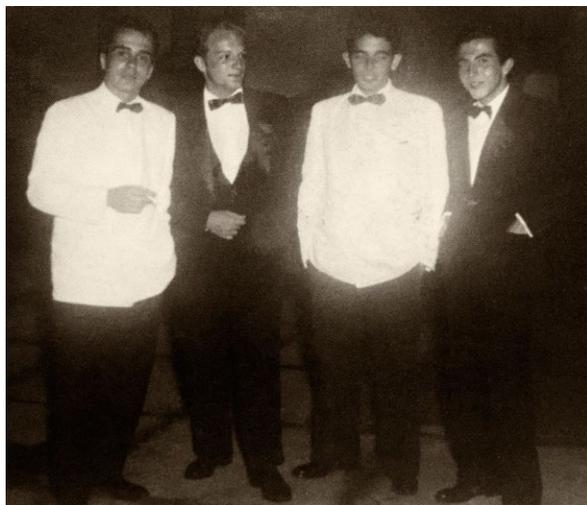
Não me deixei prender. Libertei-me de todo e fui
em busca de volúpias que em parte eram reais,
em parte haviam sido forjadas por meu cérebro;
fui em busca da noite iluminada.
E bebi então vinhos fortes, como
bebem os destemidos no prazer.

Eu também fui em busca da noite iluminada e bebi vinhos fortes, como bebem os destemidos no prazer. Segui um percurso de agonia e êxtase em que essas sensações às vezes eram simultâneas e noutras se sucediam no tempo. Passo a passo segui meu caminho, atento apenas ao presente. Egoisticamente, busquei sempre e sobretudo meu próprio prazer, sem pensar muito nos outros, mesmo quando eles estavam afetivamente muito próximos de mim. Mas tudo isso agora é passado — o que passou, passou. Como no verso da tragédia famosa de Shakespeare, pela boca da terrível Lady Macbeth, "O que foi feito não pode ser desfeito". Nada mais a dizer. A viagem para dentro de mim mesmo chegou ao fim. Como Hamlet, concluo: "E o resto é silêncio".

1º de outubro de 2012



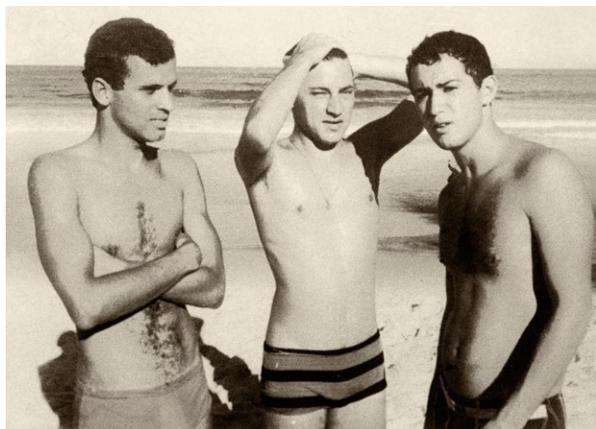
Memória Fotográfica



Da direita para esquerda: Paulo,
Giba e os primos Luiz e Nelsinho



Paulo com a família na Casa Azul



Da esquerda para a direita o
caso carioca Jaime e os amigos
Paulo Affonso e João Batistas em
Copacabana, década de 70



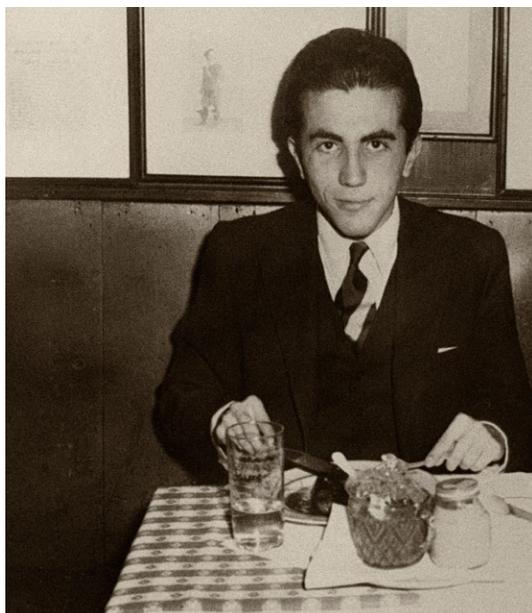
Reunião com amigos no
Anti Bar, da Casa Azul



Com os colegas do Centre Européen
Universitaire, em Nancy, 1964



Edmée Kingsmill, Londres, 1955



Paulo num restaurante
novaiorquino, em 1957?



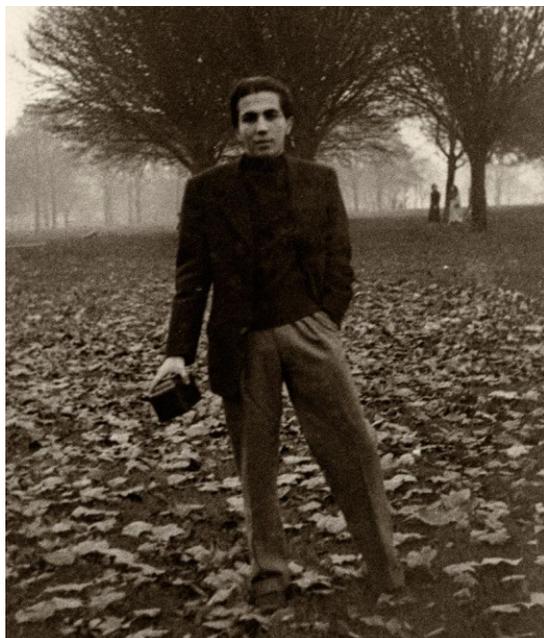
Paulo com a irmã caçula e a
irmã Ana Lucia (já falecida)



Festa no navio Alcântara, a caminho de Londres, na travessia da linha do Equador. Paulo é o último à direita, com um violão



Paulo (de terno claro) com a irmã
e amigos na propriedade familiar
de Forno da Cal, Olinda



Paulo em Hyde Park, Londres



Paulo com a amiga Tânia C.
da Costa e a irmã Ana (dir)



O autor em Lausanne, Suiça, em 1954



Paulo na Casa Azul, final dos anos 80

À TERRA O QUE É DA TERRA

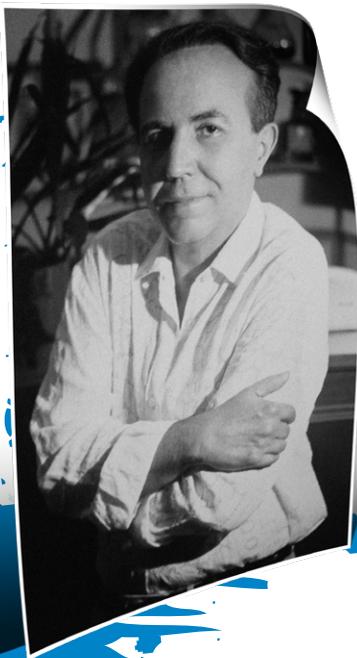


Ilustração: Goya

O dia se iniciara como qualquer outro. Preguiça de levantar, pássaros piando no jardim lá fora. Cumpru as tarefas de lavar o rosto, escovar os dentes, colocar as duas próteses dentárias nas respectivas arcadas, fazer a barba. Tudo como de costume. O café da manhã também foi parecido com o de outros dias: nescafé com adoçante, torrada com queijo derretido, algumas bolachas com margarina Delícia. Tudo como de praxe, um verdadeiro ritual.

O que se segue foi, entretanto, diferente dos dias anteriores. Em vez de se vestir para o trabalho chato de tradutor na fábrica, vestiu lentamente os trajes pré-selecionados na noite anterior. Faltava escolher o sapato e as meias. Pretos, tudo preto como convinha. Pegou o porta-retrato de Rodrigo, seu querido (e marginal) secretário que estava sobre o console da saleta onde assistia diariamente TV pela SKY. Deu um beijo no vidro frio, fez nova declaração de amor à imagem sorridente do morto. Em seguida, foi ao quarto e olhou-se no espelho sobre a penteadeira para ver se estava com boa aparência, se os cabelos ralos estavam bem penteados. Tudo OK.

O tempo passara rápido. Muito sexo e alguns amores. Encontros aqui e ali — Recife, Rio, São Paulo, Londres, Paris, Nova Iorque. Aquele bar em Greenwich Village, Nova Iorque, era realmente divertido. Música nas alturas e uma fauna variada de gays no entorno... Era jovem, então — tinha vinte e poucos anos, a idade da *desrazão*, parafraseando Sartre e o livro que lera um dia em algum lugar: *A Idade da Razão*. Mas que importa tudo isso agora? Foi até a cozinha e arrastou com alguma dificuldade (afinal, estava com 75 anos) o bujão até a saleta. Espargiu um pouco de perfume no ar para disfarçar o cheiro desagradável de gás no ambiente. Fechou com gestos lentos a porta de entrada. Acomodou-se na poltrona tipo espreguiçadeira e fechou os olhos. O exit era triste e solitário como também havia sido sua própria vida. Pensou então no desperdício desses anos em que havia vivido assim sozinho, em mudos diálogos consigo mesmo. Sonolento, lembrou-se então de Shakespeare: “A vida é uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria, sem significado algum”. E apagou.



PERFIL

Advogado, jornalista e poeta, assinou no Diário de Pernambuco, nos anos 70/80, a coluna cultural Poliedro e, de meados dos anos 80 até 1993, a coluna Artes e Artistas, especializada em artes plásticas. Livros publicados: Versos Escolhidos (Ed. Pirata, 1982; traduções), Trinta Poemas e Dez Desenhos de Amor Viril (Pool Editorial Ltda., 1984, traduções), Os Ritos (Grupo X, 1988, poesias), da Perversão (Ed. Comunicarte, 1991, poesias), Nus (Ed. Comunicarte, 1991, coletânea de poesias). Em 2003, participou de uma coletânea de artigos publicados na seção Opinião, do Jornal do Commercio, em edição patrocinada pelo próprio jornal com o título de Escritas Atemporais (Ed. Bagaço). Em 2011, lançou um livro de prosa, poesias e traduções com o título de Réquiem para Rodrigo N (Ed. Coqueiro). Em 2011-2012, lançou em edição digital, pelo site ISSUU, Réquiem para Rodrigo N, Poemas Homoeróticos (em parceria com Raimundo de Moraes) e Os Ritos da Perversão e Outros Poemas. Todos os livros de Paulo Azevedo Chaves tiveram seus projetos gráficos com a assinatura do designer pernambucano Roberto Portella.

PAULO AZEVEDO CHAVES